

Brasil propõe pagar US\$ 940 milhões. Mas os credores querem mais.

A nova proposta do Brasil para renegociação da dívida externa, apresentada em Nova York pelo embaixador Jório Dauster, ainda não conseguiu satisfazer o comitê dos bancos credores. O governo brasileiro se propôs a pagar até o final do ano US\$ 940 milhões correspondentes a 15% dos juros com vencimento até 31 de dezembro, mais US\$ 290 milhões correspondentes a 25% do montante a vencer no primeiro trimestre de 1991. Os bancos consideraram a proposta um avanço em relação à primeira oferta do governo brasileiro, mas insistem em receber pelo menos US\$ 2 bilhões.

Segundo a proposta brasileira, o restante dos juros atrasados seria capitalizado através de títulos com remuneração fixa de 15% e prazo de 15 anos, com carência de cinco anos, durante os quais não haveria novos desembolsos de juros. Em troca, o Brasil quer um acordo sobre os termos gerais de reescalonamento do estoque da dívida. Os credores haviam pedido o pagamento de um terço dos US\$ 9,3 bilhões de juros em atraso, mais 50% da conta do primeiro trimestre de 1991, e ofereceram a capitalização do restante por um bônus de cinco anos, sem carência e juros de mercado.

O comitê assessor dos credores se reuniu sob forte sigilo para examinar a proposta brasileira, na manhã de ontem, e recebeu à tarde a delegação brasileira. O embaixador Jório Dauster chegou atrasado, alegando problemas com xerox, leu o documento do governo brasileiro e se retirou sem ouvir a resposta. "Ela pode servir de base para um compromisso, mas isso só acontecerá quando o governo aumentar o pagamento de juros atrasados para a casa dos US\$ 2 bilhões", revelou ao correspondente **Paulo Sotero** um executivo de um banco americano.

A polêmica entre o Brasil e os credores, desatada pela primeira proposta do governo — que não previa nenhum pagamento este

ano —, está centrada no conceito de capacidade de pagamento. Em seu esforço de convencimento, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, esteve em Washington na semana passada para explicar o conceito aos bancos e ao governo americano. Ontem, porém, a equipe de economistas que assessora os credores divulgou um documento que acusa de incompetência a equipe econômica e rejeita categoricamente o atrelamento dos pagamentos ao déficit fiscal.

Missão Eris

Eris esteve ontem em Londres explicando às autoridades britânicas a situação da economia brasileira e os motivos pelos quais o governo estaria sem condições de atender às exigências dos banqueiros. Ele almoçou na residência do embaixador Paulo Tarso Flexa de Lima com um representante do Tesouro e com banqueiros britânicos, e se dispôs a fornecer todos os dados necessários para uma avaliação da proposta brasileira. No final da tarde, o presidente do Banco Central partiu para Paris, segunda etapa de um roteiro que inclui Bonn e Roma.

Eris se reúne hoje com o diretor do Tesouro francês, Jean Claude Trichet, que é também o presidente do Clube de Paris — que representa os governos credores do Brasil. O objetivo do encontro é explicar os termos do governo brasileiro para a renegociação e preparar a abertura de negociações para o reescalonamento da dívida brasileira com o Clube. Segundo um assessor do primeiro-ministro Michel Rocard, o governo francês deve aconselhar o Brasil a abandonar sua postura intransigente e retomar o pagamento dos juros para ajudar a deslanchar também as negociações com o FMI e outros organismos financeiros multilaterais, onde estão retidos US\$ 4 bilhões em novos créditos para o País.